UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

LUIZ EDUARDO DANTAS BITTENCOURT DE QUEIROZ

AMOR AVISTA:
RELATOS SOBRE A SEXUALIDADE EM DEFICIENTES VISUAIS

Salvador
2016.2

LUIZ EDUARDO DANTAS BITTENCOURT DE QUEIROZ

AMOR AVISTA:
RELATOS SOBRE A SEXUALIDADE EM DEFICIENTES VISUAIS

Memória do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para a obtenção de grau de bacharel em Comunicação com habilitação em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Maurício Nogueira Tavares

Salvador
2016.2

LUIZ EDUARDO DANTAS BITTENCOURT DE QUEIROZ

AMOR AVISTA:
RELATOS DA SEXUALIDADE DE DEFICIENTES VISUAIS

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Maurício Nogueira Tavares (Orientador)

_____

Prof. Dr. Washington José de Souza Filho (Avaliador Interno)

_____

Profª Mª Bárbara Conceição Souza de Jesus (Avaliadora externa)

_____

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Rita, e minha avó, Palmira, por confiarem em mim em todos os momentos, mesmo quando nem eu conseguia confiar no sucesso. Por estarem sempre ao meu lado e por terem sido as pessoas que mais torceram para que eu entrasse e saísse da universidade. A meu pai, José, por me mostrar a necessidade do trabalho. Aos meus irmãos, João e Isabela, por estimularem minha criatividade desde a infância. Pelas horas de diversão, o apoio mútuo e o carinho disfarçado de brigas e discussões.

Aos personagens de livros que me fizeram amar a escrita e a leitura. Se não fosse esse amor que desenvolvi pela escrita, não sei se teria me matriculado no curso de Jornalismo.

À Mel que sempre me fazia sorrir nos momentos de estresse e quem me distraiu enquanto tentava encontrar as palavras certas para colocar nessa memória e nas reportagens.

À Débora Rezende, amiga de muitos momentos. À Analú Ribeiro pelas discussões, risadas simples, desabafos e momentos inesquecíveis compartilhados apenas entre nós dois. Se não fossem as duas, a graduação não teria sido leve e animada. Foi com vocês que passei os melhores momentos nas universidades, dei os melhores sorrisos e me desesperei quando não acredita mais no sucesso. Obrigado, meninas!

Ao grupo “Leitores Anônimos” que, apesar da mudança constante de nome, sempre me estimula à leitura e ao amor pelos livros, além de render risadas e horas de intimidade. O suporte de vocês foi extremamente necessário nos melhores e piores momentos dessa graduação. Sou muito grato por todos os personagens que me arranjaram quando eu mandava mensagem desesperado do estágio. À Maíra Damião que me deu a notícia do ingresso na universidade.

Aos professores que sempre me estimularam a buscar meus desejos e ideais e me ensinaram que o estudo é a melhor maneira de se chegar a esses objetivos. Aos mestres da Facom que me ensinaram o que era necessário para me fortalecer como profissional e como acadêmico. Sou grato especialmente aos professores André Santana, Juliana Gutmann, André Setaro e Fábio Sadao que me ensinaram um pouquinho mais do que imaginam. Com um carinho especial, minha gratidão a Maurício Tavares, por me ouvir

falar rápido durante as orientações e com quem mesclei momentos de aprendizado e conversas descontraídas.

Às professoras Bárbara Souza e Maria Isis pela orientação e estímulo durante todas as etapas do programa Correio de Futuro, sendo decisivas em minha transformação como estudante e como profissional e no desenvolvimento deste tema. A Pedro Enrique Monteiro por me ajudar nos primeiros passos com o tema e ter me ensinado mais coisas do que ele provavelmente imagina. Agradeço também à Thamires Santos por ouvir minhas lamúrias e desesperos quando o prazo para a entrega das matérias se apertava.

Aos amigos do Jornal Correio* que me mostraram como é atuar no mercado de trabalho, sempre com paciência e me auxiliando em cada passo. A Wladmir Pinheiro por acreditar em meu potencial, a Carol Neves, Iasmin Sobral e Marília Moreira por me ensinarem minhas primeiras e valiosas lições no jornal. Sou muito grato a Kivia Souza, Gabriel Rodrigues e Priscila Natividade por me ouvirem reclamar do que estava e do que não estava bom.

Um agradecimento especial à Beyoncé, por me fazer conhecer pessoas maravilhosas, que me ajudaram em muitos momentos durante a graduação. Por me fazer olhar para outras realidades que não a minha, por quase me fazer enfartar com o lançamento do BEYONCÉ enquanto eu terminava um trabalho de Comunicação e Arte e, por fim, pelas canções que marcaram minha vida de um ou outro jeito.

“Palavras são, na minha não tão humilde opinião, nossa inesgotável fonte de magia.
Capazes de ferir e de curar.”

J. K. Rowling

RESUMO

Este memorial busca detalhar e expor as etapas do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Comunicação – Jornalismo, Universidade Federal da Bahia. O trabalho final é o especial para Internet AMOR AVISTA, que pode ser acessado através do endereço eletrônico https://amoravista.wixsite.com/amor-avista. Hospedado na *web*, este projeto tem como objetivo retratar a acessibilidade da pessoa com deficiência visual em um meio de comunicação para além da questão da mobilidade. Para isso, produziu-se reportagens que abordam a questão da sexualidade e afetividade de pessoas com baixa visão ou cegueira total. O material aproxima-se do gênero Webjornalismo na medida em que foi pensado e construído como conteúdo digital.

Palavras-chave: Deficiência visual; Sexualidade; Corpo; Webjornalismo; Reportagem.

LISTA DE FIGURAS

1. FIGURA 1 11

2. FIGURA 2 24

3. FIGURA 3 25

4. FIGURA 4 27

5. FIGURA 5 27

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO 10

2 – TRAJETÓRIA NA UNIVERSIDADE 13

3 – ASPECTOS TEÓRICOS.....15

3.1. O corpo e a sexualidade de pessoas com deficiência.....15

3.2. Webjornalismo..... 17

4 – ESCOLHA E DELIMITAÇÃO DO TEMA..... 21

5 – AMOR AVISTA 22

5.1. Produção..... 23

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 28

7 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 30

1. INTRODUÇÃO

Em 2015, uma pesquisa publicada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)[1] mostrou que 3,6% da população brasileira possui deficiência visual, seja ela cegueira em um ou nos dois olhos ou baixa visão em ambos os olhos. Essa mesma pesquisa apontou que 3,4% da população nordestina possui deficiência visual e que, deste total, 20,8% apresentou grau intenso ou muito intenso de limitações ou não conseguiu realizar as atividades habituais. A Região Nordeste foi a única que registrou proporção superior à média nacional, que foi de 16%.

A deficiência visual é entendida não apenas pela cegueira total, mas também pelos tipos de problemas visuais que persistem mesmo após a correção de erros de refração comuns com o uso dos óculos, lentes de contato ou mesmo cirurgias oftalmológicas. Assim, uma pessoa com deficiência visual[2] pode ter comprometida a sua acuidade visual, campo visual, adaptação à luz e ao escuro e também a percepção de cores.

Didaticamente, uma pessoa pode ser considerada com baixa visão quando apresenta acuidade visual de 0 a 20/200[3]. Ou seja, essa pessoa enxerga a 20 pés de distância (6 metros) o que uma pessoa vidente enxergaria a 200 pés de distância (60 metros). Isso após a correção com ajuda de óculos. O termo vidente aqui é empregado para aquelas pessoas que não possuem qualquer tipo de deficiência visual. O termo baixa

---

[1] INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa nacional de saúde: 2013 : ciclos de vida : Brasil e grandes regiões**. Rio de Janeiro: IBGE, 2015. 92 p. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94522.pdf/>. Acesso em: 25 abr 2016.

[2] Há uma outra definição, desenvolvida pela Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF), que não considera apenas os aspectos biológicos da deficiência visual, mas também os aspectos sociais e físicos e busca entender o impacto da deficiência no ambiente social e físico. Com isso, a deficiência desloca-se da própria pessoa para o ambiente em que ela está inserida. Disponível em: < http://www.bengalalegal.com/cegueira-e-baixa-visao>. Acesso em: 24 fev 2017.

[3] Definição está em acordo com o texto do professor Antônio João Menescal Conde, professor do Instituto Benjamin Constant, e publicado no site da ONG Bengala Legal, com a revisão de Marco Antonio de Queiroz. Disponível em: < http://www.bengalalegal.com/cegueira-e-baixa-visao>. Acesso em 17 fev 2017.

visão abrange também aquelas pessoas que possuem o ângulo visual máximo de 20º de amplitude.

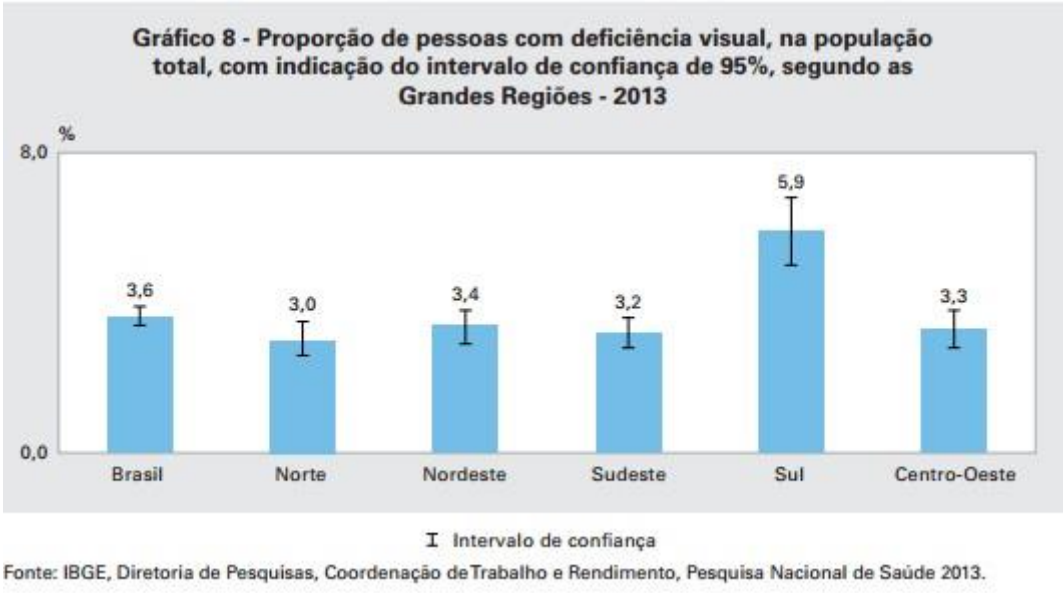


Imagem 1: Porcentagem de pessoas com deficiência visual por região no Brasil

Durante meu período de graduação, passei a prestar mais atenção nas notícias e reportagens que os principais jornais baianos e nacionais publicavam. Uma coisa que sempre me incomodou foi o fato de que as reportagens produzidas sobre a deficiência visual sempre tratavam do assunto pelo viés da acessibilidade, principalmente no que diz respeito à questão da mobilidade. A temática é, de fato, importante, mas nunca consegui compreender o porquê do assunto estar sempre restrito a essa questão.

Quando participei do programa Correio de Futuro[4], do Jornal Correio*, o tema da série de reportagens que produzimos foi "ritos de passagem na juventude". A questão da sexualidade foi abordada a partir dos jovens com deficiência visual. A pauta foi uma sugestão minha que, diante dos questionamentos supracitados, queria falar sobre a deficiência visual a partir de outro recorte que não a mobilidade. Quando a pauta foi

[4] O programa Correio de Futuro foi criado em 2011 pelo Jornal Correio* e busca promover a prática jornalística, aliada a reflexões e discussões universitárias sobre o fazer jornalístico. Os participantes atuam também na criação de um produto jornalístico que busca a inovação de linguagens para plataformas tradicionais e novas.

aprovada, eu e minha dupla no programa, Pedro Enrique Monteiro, apuramos e produzimos uma reportagem sobre o tema.

Ainda naquela época, acreditei que o assunto não havia sido largamente explorado e que outros aspectos, como o casamento, ficaram de fora por motivo da pauta ser delimitada na juventude. Em uma conversa com uma das orientadoras do programa Correio de Futuro, Maria Ísis, falamos sobre temas para o meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e ela sugeriu que eu desenvolvesse o mesmo tema que havia apurado no programa. Após uma reflexão, percebi que ainda havia muito a ser abordado e aceitei a sugestão de apurar novas pautas sobre a sexualidade de deficientes visuais. Vi, então, a oportunidade em fazer a diferença no jornalismo e colocar em evidência um assunto que eu julgava necessário, porém pouco divulgado pelos veículos midiáticos.

Além disso, o assunto se justifica pelo seu caráter social, porque pretende levar informação sobre a sexualidade de pessoas com deficiência visual – pouco noticiado nos veículos midiáticos. O tema é relevante também por ser uma representatividade desse público, abordando-os como pessoas normais, que estão inseridos em experiências que podem ser vividas por pessoas com ou sem qualquer deficiência.

As reportagens sobre a temática foram pensadas para o formato de webjornalismo, pela sua característica de atualização e multimídia. Para além disso, o conteúdo na web permite uma maior acessibilidade, uma vez que existem aplicativos, como o Nuance Talks, que faz a leitura de mensagens e do que está na tela do smartphone. Dessa maneira, o conteúdo fica acessível também para pessoas com deficiência visual. Tive a preocupação em descrever todas as imagens que estão inseridas no especial, tornando o conteúdo visual também acessível para as pessoas com deficiência visual.

2. TRAJETÓRIA NA UNIVERSIDADE

Ingressei na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia (Facom/Ufba) no semestre 2013.1. Logo na primeira semana, os principais grupos de extensão da faculdade foram apresentados aos calouros. Na época, meu conhecimento da área era bem restrito ao telejornalismo ou ao jornalismo impresso. Inclusive, foi esse último meu estímulo em me inscrever no curso.

Sempre vi nos grupos de extensão que participei e nos meus estágios uma oportunidade de colocar em prática o que era aprendido e discutido nas salas de aula. Alguns dos conteúdos apresentados pelos professores só fizeram realmente sentido quando visto em prática. Por exemplo, quanto aos critérios de noticiabilidade durante um plantão e a necessidade de escolher qual pauta é mais relevante.

Com o pouco conhecimento que eu tinha sobre a área do jornalismo, logo me interessei pela Rádio Facom quando esta foi apresentada durante a Semana do Calouro, que acontece na primeira semana de aula do primeiro semestre. Até então eu nunca tinha dispensado atenção ao radiojornalismo, mas a apresentação dos alunos que tinham programas na rádio me animou e me instigou a conhecer mais sobre a área. Esse primeiro interesse foi alimentado com um Curso de Rádio para Calouros, oferecido por um dos monitores da Rádio Facom aos novos estudantes de jornalismo e produção cultural.

Aquele primeiro interesse me uniu aos colegas Heitor Oliveira, Alessandra Carvalho, Bruna Castelo Branco e, posteriormente, Jonatas Lopes. Juntos, criamos o grupo Faconautas, com a ideia de produzir vários programas para a Rádio Facom. O primeiro projeto a ser colocado em prática foi o Hora Mainstream – um programa de música e entretenimento que selecionava uma playlist a partir de um tema. Com a experiência, cada um dos apresentadores do programa passou a comandar um quadro e começamos a profissionalizar a produção, inclusive coma criação de quadros fixos, como "Este dia na história", "Hora dos Signos" e "Holofotes".

No início do meu segundo semestre, passei a ter contato com a democratização da mídia e a questão dos direitos humanos nos programas policialescos baianos quando ingressei como bolsista no Centro de Comunicação, Democracia e Cidadania (CCDC) da Facom. No CCDC, além da produção de reportagens, também realizei clipagem de jornais baianos e programas policialescos para entender a violação dos direitos humanos nas

matérias de polícia em veículos de jornalismo da Bahia. Posteriormente, os aprendizados no CCDC me ajudaram nas discussões levantadas durante as aulas de Comunicação e Ética (COM 115), ministrada pelo professor Edson Dalmonte.

Durante minha formação na faculdade, direcionei meus estágios para a área de webjornalismo, principalmente. Meu primeiro contato com esse formato da profissão aconteceu ainda em 2014, quando comecei a estagiar no site Varela Notícias, trabalhando com as editorias de Brasil, Mundo, Economia e Cidades. Nesse período, participei da cobertura de eventos, coletivas e apuração de reportagens com cunho mais popular. Também coloquei em prática algumas das questões de noticiabilidade que havia aprendido em sala de aula com a professora Maria Lucineide Fontes, nas disciplinas Teorias do Jornalismo (COM 121) e Comunicação Jornalística (COM 122).

Os três meses que participei do programa Correio de Futuro, do Jornal Correio*, em 2015, me ajudaram a entender melhor como funciona a redação de um jornal que atua tanto no modelo impresso como na internet. O programa também tinha um viés pedagógico e nos garantia discussões sobre o que observávamos na rotina produtiva do jornal. Essas discussões aconteciam sempre às sextas-feiras e tinha a presença de duas professoras da área de jornalismo. Durante esses encontros, tentávamos dialogar o que observávamos nas redações com o que era ensinado nas salas de aula da faculdade.

Com o final do programa, fui convidado pelo editor do site Correio 24 horas a permanecer no jornal, dessa vez como estagiário. Trabalhei como estagiário para o site até o final de 2016, quando o jornal passou por uma reformulação e houve a junção da equipe de impresso e online. Durante o período de um ano e meio em que fui estagiário-repórter do Correio 24 horas, participei de entrevistas e matérias voltadas, principalmente, para a área de cidades. Também pude entender a importância da atualização da capa do site e das redes sociais para atrair o leitor ao conteúdo disponibilizado pelo jornal. Minhas experiências como repórter de jornalismo online me permitiram tratar com mais propriedade da questão quando das discussões em sala de aula com a professora Juliana Teixeira, que ministrava a disciplina Oficina de Jornalismo Digital (COM 126).

Com o fim das equipes exclusivas de digital e impresso no Jornal Correio*, passei a produzir matérias para a editoria de Economia, pensando sempre nos elementos multimídias possíveis para essas reportagens, tais como infográficos e imagens, por exemplo.

3. ASPECTOS TEÓRICOS

3.1 O corpo e a sexualidade de pessoas com deficiência

No Brasil, no ano de 2013, cerca de 3,6% da população foi considerada portadora de deficiência visual. Ou seja, cerca de 7 milhões de brasileiros eram deficientes visuais. Entende-se aqui a deficiência visual como "os casos de cegueira de ambos os olhos, cegueira de um olho e visão reduzida do outro, cegueira de um olho e visão normal do outro e baixa visão de ambos os olhos" (IBGE, 2015).

Moura e Pedro (2006) explicam a deficiência visual por meio de uma definição semelhante. Para as autoras, o termo é referente à perda visual sem que haja a possibilidade da correção da visão por meio de lentes por prescrição regular. Nesse contexto, essa deficiência compreende tanto a cegueira total quanto a visão considerada subnormal, que é irreversível e não pode ser corrigida a partir do uso de recursos ópticos, como os óculos.

Para este projeto, foi usado um conceito que abrange as definições do IBGE e de Moura e Pedro para o termo deficiência visual. Assim, o termo passa a definir não apenas as pessoas cegas, mas também aquelas cujos problemas de visão não podem ser corrigidos por cirurgia ou lentes, mais especificamente as pessoas que possuem até 30% da visão. A Sociedade Brasileira de Visão Subnormal complementa que essa perda parcial da visão pode acontecer em consequência a doenças congênitas, lesões, envelhecimento ou mesmo com o agravo de doenças oftalmológicas.

Essa deficiência visual, entretanto, é retratada em reportagens e, até mesmo, na literatura acadêmica através da acessibilidade física ou de mecanismos que garantam essa acessibilidade. Os problemas e as dificuldades do portador de deficiência visual, ainda que não seja cegueira total, não se restringe ao direito de ir e vir. França (2013) entende que apenas a proporção das condições objetivas não garante uma qualidade de vida ao deficiente visual:

> [...] tomar conhecimento do estado da arte sobre sexualidade da pessoa cega pode contribuir para estimular novas pesquisas e assim minimizar preconceito e discriminação ainda presentes na sociedade, que sustenta

> a ideia de que eles são assexuados ou possuidores de uma sexualidade exacerbada e portanto não tem direto de a exercer. (França, 2013, p. 1)

A forma como essa pessoa com deficiência visual vai ser educada pela família vai ser essencial para colaborar com o seu desenvolvimento sexual. Porém, é comum que familiares de pessoas cegas ou com baixa visão as tratem como inseguras, indefesas, dependentes e, até mesmo, assexuadas ou desinteressantes. Essa educação familiar se configura como um entrave para que o deficiente visual se desenvolva e estabeleça consigo mesmo e com o outro uma relação que o permita expressar-se como um ser sexuado (BRUNS, 2000).

Nesse contexto, é preciso entender que a relação do ser humano com seu corpo começa dentro de sua própria casa, na educação familiar. Foucault (1984) lembra que a representação do corpo e da sexualidade humana era mais tolerada até o início do século XVII. É no século XVII que o corpo adquire a característica de discurso, para além de apenas um objeto. Ele passa a ser ditado por regras e padrões morais, visando o seu controle. Há uma ruptura também na maneira como o sexo é visto: da naturalidade, ele se torna alvo de mecanismos de repressão. Esse período, que marca o desenvolvimento do capitalismo, é caracterizado por uma repressão sexual, anulando, assim, a naturalidade da sexualidade e restringindo o poder do corpo:

> [...] o capitalismo, desenvolvendo-se em fins do século XVIII e início do século XIX, socializou um primeiro objeto que foi o corpo enquanto força de produção, força de trabalho. O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política. A medicina é uma estratégia bio-política (FOUCAULT, 1979, p. 80).

Os próprios deficientes visuais sentem a necessidade de se verem representados nos veículos de imprensa ou mesmo na literatura. Isso acontece porque muitos deles acreditam ser vistos como assexuados pela sociedade (FRANÇA, 2013). Utilizando-se das pesquisas realizadas por Lebedeff, Cordeiro e Pinto, França (2013) estudou, através da realização de entrevistas semiestruturadas, o discurso dos deficientes visuais como

assexuados não apenas no ambiente familiar do indivíduo com quem ele está se relacionando, como na família do próprio portador da deficiência.

França (2013) pensa também as reações comuns em relação às deficiências e aos deficientes a partir de uma interpretação ou estereótipo que são construídos na sociedade. Para a autora, essa construção surge também de uma limitada definição de sexualidade "focada apenas nos aspectos biológicos (sexo), sem incluir as relações amorosas, o prazer, o afeto, o erotismo" (2013, p.92).

A deficiência também pode causar essa impressão do corpo diferente, o que pode levar a pessoa cega ou de baixa visão a acreditar estar em desvantagem em relação às pessoas que não possuem deficiência visual. A aceitação do próprio corpo consiste em um fator importante para a construção de uma autoestima.

> Desde a infância, a pessoa com deficiência reconhece que seu corpo é diferente dos demais e essa percepção ocorre tanto na comparação entre os corpos considerados "normais" quanto na consciência das limitações do próprio corpo, que levam a pessoa à construção da identidade de "pessoa com deficiência". Esse reconhecimento da identidade, muitas vezes, é acompanhado pelo sentimento de que essa condição é desvantajosa. Nesse sentido, a percepção do próprio corpo, quando há uma deficiência, passa pelo reconhecimento de que a deficiência é parte integrante do sujeito e quanto maior a aceitação dessa identidade, maior a autoestima. (Maia e Ribeiro, 2012, p. 152)

Este trabalho, assim, se configura em uma forma de tornar acessível histórias sobre sexualidade e afetividade de pessoas com deficiência visual. Dessa maneira, é possível difundir a informação quanto à normalidade das relações afetivas e sexuais de pessoas com deficiência.

3.2 Webjornalismo

Considerando-se o valor da Comunicação para mediar questões e serviços, optou-se pelo Jornalismo, enquanto área afim da Comunicação, para relatar histórias de pessoas

com deficiência visual e como a ausência do sentido da visão não interfere na existência de relações afetivas e sexuais.

Pensando-se em tais questões, foi criado o especial AMOR AVISTA, desenvolvido em formato de webjornalismo, por meio de reportagens. Amaral (1978, p.134) define reportagem como "a representação de um fato ou acontecimento enriquecida pela capacidade intelectual, observação atenta, sensibilidade, criatividade e narração fluente do autor". Assim:

> Não significa, porém, que o fato deva ser distorcido pela visão de quem o relata. [...] reportagem exige talento, sensibilidade, narração fluente e criatividade. Permite alguma fantasia mas nunca alheamento aos fatos. Como todo e qualquer material jornalístico, seu compromisso é com a verdade. (Amaral, 1978, p. 134-6)

Para o autor, são seis os requisitos para quem deseja construir uma reportagem: capacidade intelectual (pôr à prova todas as suas aptidões), observação atenta, sensibilidade, criatividade, narração fluente (mais preocupação com a exposição dos fatos do que com a forma) e instrumento de luta (detalhamento do assunto sob todos os ângulos).

Kotscho (1989) ressalta a importância da pauta, principalmente como elo de ligação entre a produção e a edição das matérias. O autor, porém, critica os repórteres que ficam reféns da pauta e contribuem para uma maior passividade do profissional diante do desenvolvimento das reportagens. Essas pautas, contudo, obedecem alguns critérios de noticiabilidade e estão sujeitas a um enquadramento feito pelo próprio autor do texto (ALSINA, 2009).

Por fim, no processo de construção da notícia, deve-se pensar na produção fotográfica como uma linguagem do próprio texto. Nesse contexto, Kotscho (1989) e, principalmente, Amaral (1978) explicam que a fotografia é uma linguagem e pode se equivaler a um texto. Por meio da fotografia, por exemplo, pode-se fazer leituras referentes à pauta ou ao personagem do qual se narra a história.

O advento da Internet, porém, levou os meios de comunicação a se adaptarem dessa plataforma e publicações impressas passaram a ser reproduzidas em sites ou portais online. Com o passar do tempo, descobertas e avanços permitiram que o conteúdo

produzido com foco no meio digital adquirisse características próprias, diferindo-se das publicações impressas.

Para Deuze (2006), o jornalismo on-line deve ser visto como um quarto tipo de jornalismo que é produzido "quase que exclusivamente para a World Wide Web". A ideia é compartilhada por Rodrigues (2009) que afirma dois caráteres do webjornalismo: o quarto tipo de jornalismo defendido por Deuze ou uma segunda atuação de um jornalista que atue em outra mídia.

O webjornalismo seria apenas mais uma atualização do fazer jornalístico, de acordo com a definição de Deuze:

> O jornalismo on-line tem sido distinguido funcionalmente de outros tipos de jornalismo através da sua componente tecnológica enquanto fator determinante em termos de definição (operacional) – tal como anteriormente aconteceu relativamente aos campos da imprensa escrita, rádio e televisão. O jornalista on-line tem que fazer determinadas escolhas relativamente ao(s) formato(s) adequado(s) para contar uma determinada história (multimídia), tem que pesar as melhores opções para o público responder, interagir ou até configurar certas histórias (interatividade) e pensar em maneiras de ligar o artigo a outros artigos, arquivos, recursos, etc., através de hiperligações (hipertexto) (Deuze, 2006, p. 18).

Utilizando-se de Deuze, Canavilhas e Elias Machado, Marcos Palácios (2002) destaca características específicas ao webjornalismo. São seis características essenciais: convergência, interatividade, hipertextualidade, personalização do conteúdo, memória e armazenamento e atualização. Assim, as especificidades tecnológicas proporcionadas pela web transformam o fazer jornalístico, dando mais dinamismo e possibilidades na composição visual e nos recursos multimídias da reportagem.

Outra característica marcante no webjornalismo é a multimedialidade. Com o avanço da Internet, o jornalismo passou a fazer uso de diferentes elementos comunicativos. Inicialmente, as imagens eram usadas como informação complementar. O desenvolvimento de especificidades tecnológicas possibilitou a inserção de outros conteúdos midiáticos ao fazer jornalístico, tais como os infográficos, áudios e vídeos.

Salaverría (2014) defende que a Web oferece uma plataforma versátil e possibilita a integração entre formatos textuais, gráficos e audiovisuais. O autor coloca a multimedialidade como uma das principais características do jornalismo on-line, afirmando que essa nova face do fazer jornalístico possibilita o crescimento da narrativa multimídia.

4. ESCOLHA E DELIMITAÇÃO DO TEMA

Antes de escolher qual seria o tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), defini que este seria realizado em formato de produto. A opção pelo produto, em detrimento da monografia, foi marcada pela vontade de colocar em prática os aprendizados sobre o jornalismo adquiridos durante as disciplinas de oficinas.

Após conversa com a professora Maria Ísis, defini que adotaria a sexualidade e afetividade de pessoas com deficiência visual como tema do meu projeto final. A ideia original era que o tema fosse desenvolvido em formato de livro-reportagem, mas o direcionamento de minhas experiências profissionais para o meio digital me fizeram abandonar a ideia e readaptar o tema para o formato de jornalismo on-line.

Durante as aulas de Elaboração de Projeto em Comunicação (COM 116) percebi que não entendia completamente a temática e não havia um norte que direcionasse o assunto de forma que ele tivesse coesão. As orientações com a professora Annamaria Palácios me fizeram perceber a fragilidade de meu tema e trabalhar nele de maneira a torná-lo exequível.

Foi assim que surgiu a ideia de dividir o tema em três reportagens, sendo que cada uma delas representa um período do desenvolvimento e vivência da sexualidade humana. Esse desenvolvimento, porém, é contado a partir da vivência de pessoas com deficiência visual, permitindo a percepção de que a ausência de visão não impossibilita a existência de uma vida amorosa e sexual.

5. AMOR AVISTA

Definido o tema do produto e o meio em que ele seria concebido, chegou o momento de desenvolver as reportagens. A primeira ação nesse sentido foi definir quais aspectos do tema eu queria abordar para, em seguida, determinar as pautas e começar a executá-las.

O nome do site foi concebido já no período da elaboração do projeto. A ideia era associar os dois temas e, ao mesmo tempo, desconstruir o preconceito quanto a sexualidade das pessoas com deficiência visual. Assim surgiu o nome AMOR AVISTA. O objetivo é mostrar que não é necessária a visão para que a pessoa tenha uma vida amorosa e sexual plena. O sentimento e o desejo não são intrínsecos à visão. Esse órgão do sentido pode ser substituído pelos quatro restantes no momento da paixão ou mesmo da relação sexual.

O nome do especial é uma tentativa de ligar os dois assuntos que compõem o produto: sexualidade e deficiência visual. A palavra amor, neste contexto, representa a afetividade e a sexualidade. Já a palavra avista, proveniente do verbo avistar, busca representar a não-dependência da visão para que as relações afetivas e sexuais ocorram aos seres humanos. Ou seja, as experiências afetivas e sexuais podem ser vivenciadas por pessoas com ou sem qualquer deficiência. Assim surgiu o nome AMOR AVISTA.

Após fazer essa separação de tópicos, percebi que alguns temas poderiam ser desenvolvidos em conjunto, fortalecendo a noticiabilidade da pauta. Quando as pautas foram definidas, tentei organizá-las de maneira a ficarem coerentes, como se cada reportagem fosse um trecho de uma história. O especial, então, foi organizado de forma que cada reportagem representasse uma etapa na vivência da sexualidade do ser humano. Com esse objetivo, o especial segue uma ordem bastante específica: a descoberta da sexualidade, a paquera e o casamento.

Assim sendo, foram definidas quatro seções para o site:

Deficiência Visual:

- Aqui é uma espécie de introdução ao tema. Nesta seção, são definidos os conceitos de deficiência visual utilizados no site. Para além disso, há também um breve detalhamento sobre as instituições as quais as pessoas cegas ou de visão subnormal podem recorrer para

obter serviços que permitam sua inserção na sociedade, como o ensino do Braile e as aulas de mobilidade.

Conhecimento:

- Esta seção é destinada a mostrar como acontece o ensino da sexualidade, tanto no ambiente familiar, quanto nas escolas e instituições. Por meio de narrativas de pessoas com deficiência visual e de opiniões de sexólogos e educadores, busca-se mostrar a importância de se conversar sobre sexualidade em casa e das aulas de educação sexual para evitar consequências mais sérias como uma Doença Sexualmente Transmissível (DST) ou uma gravidez indesejada.

Paquera:

- Nesta fase é contada como acontece a paquera no ambiente virtual para as pessoas com deficiência visual. A reportagem é focada, principalmente, na narrativa de pessoas cegas e com visão subnormal, mostrando que os deficientes visuais também utilizam de aplicativos para encontrar um parceiro.

Casamento:

- Esta reportagem busca relatar como é a perspectiva de uma rotina de casamento entre deficientes visuais ou entre uma pessoa com deficiência e uma pessoa de visão normal. Além da narrativa de pessoas sobre a rotina de seus casamentos, novamente optei por ouvir especialistas que possam falar sobre como o parceiro pode ajudar uma pessoa com deficiência visual a adaptar sua sexualidade para a ausência da visão ou mesmo a superar o trauma da perda da visão, nos casos em que a cegueira ou a baixa visão foi adquirida.

5.1 Produção

Definido o tema e as pautas, foi o momento de começar a produção do projeto. O primeiro contato que tive nessa etapa foi com a coordenação do Centro de Apoio Pedagógico a Pessoa com Deficiência Visual (CAP). Em uma primeira reunião com o coordenador do CAP, expliquei o projeto e o entrevistei para a parte de serviços do site.

Foi no CAP que consegui as primeiras fontes para as reportagens. Logo nessa primeira etapa também ocorreram os primeiros problemas. A instituição tinha uma grande

burocracia para me permitir apresentar meu projeto aos estudantes. Foi necessário levar quatro documentos diferentes até que eu obtivesse essa autorização. O último dos documentos solicitados – a cada reunião um novo era pedido – foi um termo assinado pela faculdade, comprovando que o projeto era parte da produção do meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Após levar as documentações necessárias, consegui apresentar o meu tema para a turma de coral do CAP, e pedi por voluntários para participar de entrevistas para as reportagens. Após conseguir os voluntários, agendei entrevistas – algumas foram realizadas pessoalmente, outras por telefone. Todas as entrevistas presenciais foram gravadas, com autorização prévia dos entrevistados, para um futuro conteúdo multimídia nas reportagens.

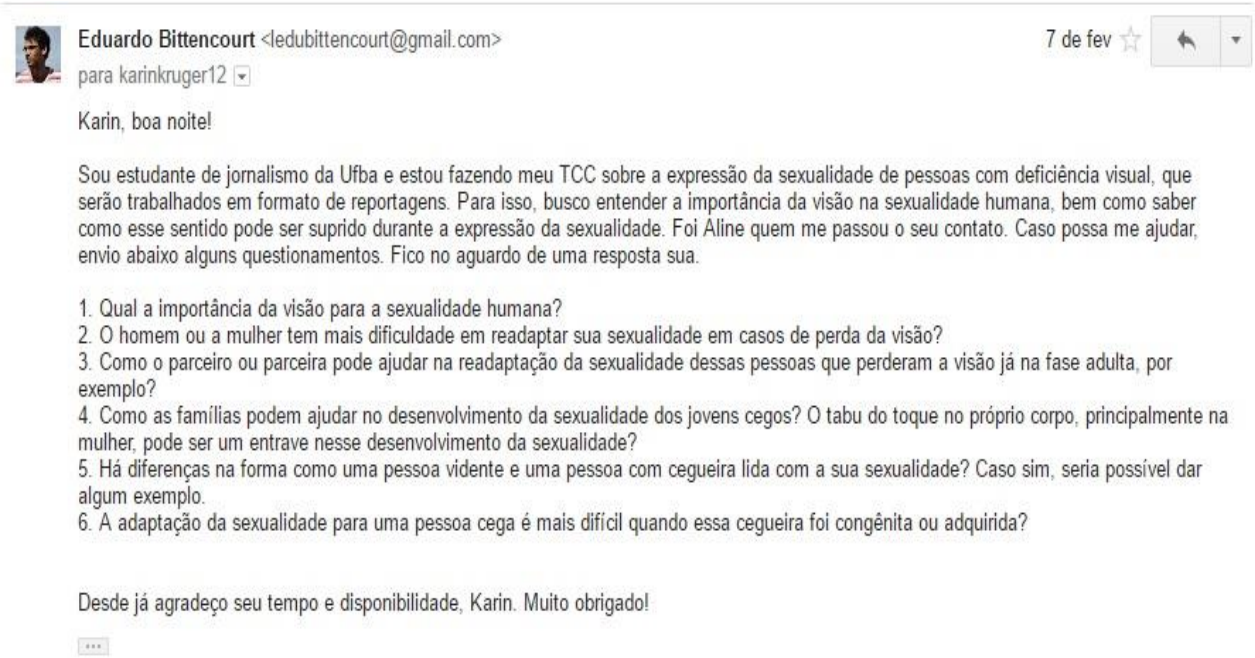
Em paralelo, também apresentei o projeto à diretoria da Associação Baiana de Cegos (ABC), que se dispuseram a ajudar com informações e também na procura por pessoas com deficiência que aceitassem ser entrevistadas para a produção das reportagens. Uma das entrevistas, inclusive, foi realizada na própria sede da Associação, onde também ocorreu uma sessão de fotos.

Imagem 2: Bastidores de uma das entrevistas realizada na Associação Baiana de Cegos

Outras fontes ainda foram sugeridas já em meu contato com os primeiros deficientes visuais entrevistados. Alguns sugeriram amigos ou colegas de instituição, que foram aceitando e apontando outras fontes. O principal problema para a realização dessas entrevistas era conciliar o tempo entre os compromissos profissionais de estágio, as

pesquisas didáticas que eram realizadas em sites e artigos e os compromissos pessoais de algumas fontes, que disponibilizavam de curto tempo para participar de entrevistas.

Os psicólogos, pedagogos e sexólogas ouvidos pelo site foram todos entrevistados por meio de telefone ou e-mail, de acordo com a possibilidade de cada entrevistado. Senti que era necessário ouvir esses especialistas para um embasamento teórico sobre cada uma das etapas da sexualidade, focando principalmente na importância da educação sexual doméstica e nas escolas e do parceiro de uma pessoa com deficiência visual para garantir a aceitação e a vivência plena dessa afetividade e sexualidade.



Eduardo Bittencourt <ledubittencourt@gmail.com> 7 de fev

para karinkruger12

Karin, boa noite!

Sou estudante de jornalismo da Ufba e estou fazendo meu TCC sobre a expressão da sexualidade de pessoas com deficiência visual, que serão trabalhados em formato de reportagens. Para isso, busco entender a importância da visão na sexualidade humana, bem como saber como esse sentido pode ser suprido durante a expressão da sexualidade. Foi Aline quem me passou o seu contato. Caso possa me ajudar, envio abaixo alguns questionamentos. Fico no aguardo de uma resposta sua.

1. Qual a importância da visão para a sexualidade humana?
2. O homem ou a mulher tem mais dificuldade em readaptar sua sexualidade em casos de perda da visão?
3. Como o parceiro ou parceira pode ajudar na readaptação da sexualidade dessas pessoas que perderam a visão já na fase adulta, por exemplo?
4. Como as famílias podem ajudar no desenvolvimento da sexualidade dos jovens cegos? O tabu do toque no próprio corpo, principalmente na mulher, pode ser um entrave nesse desenvolvimento da sexualidade?
5. Há diferenças na forma como uma pessoa vidente e uma pessoa com cegueira lida com a sua sexualidade? Caso sim, seria possível dar algum exemplo.
6. A adaptação da sexualidade para uma pessoa cega é mais difícil quando essa cegueira foi congênita ou adquirida?

Desde já agradeço seu tempo e disponibilidade, Karin. Muito obrigado!

Imagem 3: Captura de tela do e-mail enviado para a sexóloga Karin Kruger

Também foi consultada a Secretaria Estadual de Educação, para explicar como acontece o ensino da educação sexual nas escolas estaduais. Inicialmente, fiz contato com a assessoria do órgão, que me encaminhou para a coordenadoria responsável pela acessibilidade nas escolas do estado. Parte das minhas demandas foram respondidas por telefone e, depois, as respostas foram complementadas via e-mail.

A Secretaria Municipal de Educação foi consultada, mas não enviou as respostas em tempo hábil. A justificativa fornecida pela pasta foi de que a secretaria passava por uma mudança na jornalista responsável pela assessoria de comunicação. Minha demanda

foi então encaminhada para a Secretaria de Comunicação do município, mas não houve resposta. Em contato com a nova assessora da Secretaria de Educação, houve promessa de resposta, mas as perguntas não foram respondidas, mesmo com os consecutivos contatos que seguiram o primeiro.

As imagens foram feitas por um colega de turma, Heitor Oliveira. As sessões de fotos foram marcadas entre os meses de janeiro e fevereiro, em lugares combinados com as fontes. Como as imagens são, basicamente, dos personagens, a principal preocupação foi de que as composições das fotos tivessem elementos que pudessem dialogar com as pautas. A legenda de todas as imagens são descrições, permitindo que as pessoas com deficiência visual tenham acesso ao conteúdo visual, por meio de um programa de leitor de tela, como o Nuance Talks.

Os áudios foram editados usando o programa Audacity, o mesmo utilizado para editar as reportagens nas disciplinas de Oficina de Radiojornalismo (COM 124) e Temas Especiais em Rádio (COM 336).

Durante o processo final de apuração e produção das reportagens, comecei também a pensar no site e em qual plataforma utilizaria para hospedá-lo. Em conversas com amigos que já haviam apresentado o Trabalho de Conclusão de Curso em formato de Webjornalismo, ouvi muitos elogios a plataforma WIX pela sua praticidade e possibilidade em se criar as mudanças necessárias apenas arrastando os ícones com o mouse. Devido à minha dificuldade com linguagens especificas de conteúdo, como o HTML, descartei outras plataformas, a exemplo do Wordpress, e acabei seguindo os conselhos de amigos e optando pelo WIX.

A primeira página criada foi a home do site, com a imagem de fundo, os ícones do menu e o nome escolhido. Como a ideia era de que o AMOR AVISTA fosse apenas para hospedar as três reportagens especiais, optei por uma página inicial mais prática e limpa, sem a presença de muitos elementos. A praticidade do site também é garantida uma vez que todas as reportagens são encontradas de maneira rápida no menu, localizado na região superior de todas as páginas.

Imagem 4: Página do WIX antes de ser modificada

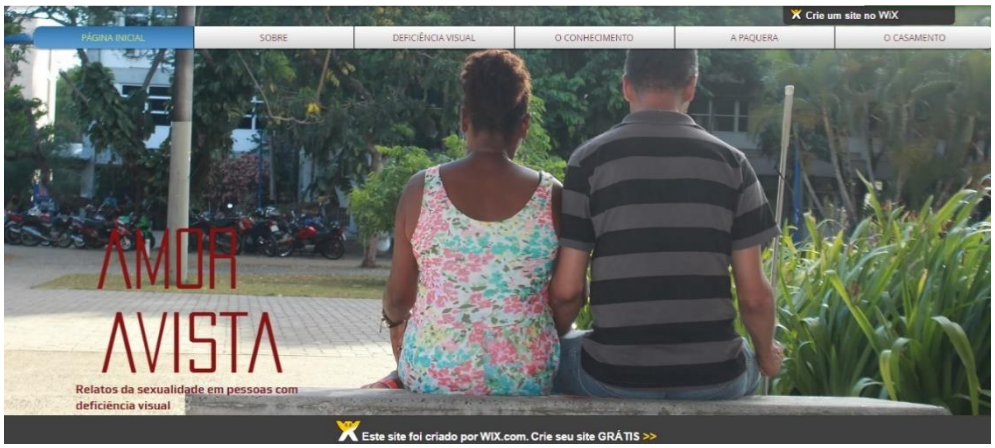


Imagem 5: Página do WIX após modificações

Por fim, foram consultados ainda algumas instituições, como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Sociedade Brasileira de Visão Subnormal, Instituto Benjamin Constant, Ministério da Educação, Fundação Dorina Nowill e a ONG Bengala Legal, para a obtenção de informações sobre cegueira, baixa visão, causas da deficiência visual e outros questionamentos relacionados ao tema do projeto.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo com a construção desse site foi possibilitar a produção de conteúdos relacionados a deficiência visual que não ocorram necessariamente no campo da mobilidade. Nesse ponto, considero que o objetivo foi alcançado, principalmente porque o site estará no ar para qualquer pessoa que se interessar sobre o assunto e poderá servir de base para outros projetos que sigam na mesma linha.

Se o AMOR AVISTA surgiu de uma curiosidade minha na temática e um desejo em ver a deficiência visual representada em veículos de imprensa para questões que vão além da mobilidade, hoje vejo que o projeto foi mais além. É um passo importante na disseminação de informação e que pode ser utilizado em salas de aula ou mesmo como modelo para o desenvolvimento de projetos semelhantes. O especial também ajuda a combater o preconceito de que pessoas com deficiência visual não possuem sexualidade. Ele também serve como representação desse público em veículos midiáticos.

Algumas características do Webjornalismo não foram exploradas neste trabalho. A questão da interação com o leitor foi descartada por motivo de que o site se configura como um especial e, sendo assim, não haverá a produção ou alimentação do mesmo com novos conteúdos. Preferi não entrar também na relação com as redes sociais, apesar de admitir que isso constitui um fator limitante para a propagação do conteúdo na Internet.

Se por um lado entendo que o fator determinante aqui foi a construção de um produto laboratorial para a conclusão do curso de jornalismo, percebo que o desenvolvimento desse projeto significou muito mais do que uma simples busca por um diploma. Nos meses em que esse projeto foi concebido, elaborado e desenvolvido, pus em prática conceitos aprendidos em sala de aula e experiências adquiridas durante os estágios. Para além de idealizar o projeto, atuei como chefe de reportagem, repórter e editor, principalmente. Também pensei na concepção gráfica do projeto, ainda que esse desenvolvimento tenha sido mais simples.

Como aqui a responsabilidade com as fontes estava completamente em minhas mãos, pude desenvolver ainda mais respeito e cuidado com os entrevistados. Em contrapartida, também aprendi um pouco mais sobre como o ser humano pode substituir a ausência de um órgão do sentido, possibilitando sua vivência e independência.

Amadureci também como profissional, uma vez que as respostas de algumas fontes foram ainda mais demoradas por se tratar de um produto laboratorial, ou mesmo a dificuldade em conseguir informações de fontes oficiais, principalmente. A falta de equipamento adequado também precisou ser contornada para que o projeto oferecesse algo além do texto escrito.

Este é apenas um dos campos em que poderia ser tratado a questão da deficiência visual em nossa sociedade. Unir estes dois temas – sexualidade e deficiência visual – não teve o intuito de ser uma visão definitiva do assunto, mas de estimular que outras reportagens sobre o tema possam ser produzidas a partir deste projeto.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALSINA, M. R.; tradução de PIERCE, J. A. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009. 352p.

AMARAL, Luiz. **Jornalismo: matéria de primeira página**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978. 234p.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, Florianópolis, v.2, n.1, 3ed, p. 68-80, jan/jul. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027>. Acesso em: 8 mai 2016.

BRUNS, M. A. T.. SOUZA-LEITE, C. R. V. (Org.). Gênero, diversidade e direitos sexuais nos laços da inclusão

DEUZE, Mark. O jornalismo e os novos meios de comunicação social. Comunicação e Sociedade, v. 9-10, p. 15-37, 2006. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/29870/1/Revista_Comunicacao_e_Sociedade_9-10.pdf>. Acesso em: 2 mai. 2016.

NOCI, J. D.; SALAVERRÍA, R. (Coord.). Manual de Redacción Ciberperiodística. Barcelona: Ariel Comunicación, 2003. Curitiba: CRV, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FRANÇA, D. N. O. A sociedade e a sexualidade da pessoa cega: preconceito, curiosidade, indiferença ou falta de conhecimento?. **Revista Latinoamericana de Bioética**, Bogotá, v.13, n.1, jun. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S1657-47022013000100009&script=sci_abstract>. Acesso em: 5 abr 2016.

FRANÇA, D. N. O. Sexualidade da pessoa cega: uma revisão sistemática da literatura. **Revista de Ciências Médicas e Biológicas**, Salvador, v.12, n.1, p.101-105, jan./abr. 2013. Disponível em: <http://www.portalseer.ufba.br/index.php/cmbio/article/view/6276/6612> . Acesso em: 4 abr 2016.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à pesquisa científica**. 3ed. Campinas/SP: Alínea, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa nacional de saúde: 2013 : ciclos de vida : Brasil e grandes regiões**. Rio de Janeiro: IBGE, 2015. 92 p. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94522.pdf>. Acesso em: 25 abr 2016.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. 2ª edição. São Paulo: Ática, 1989. 80p.

MOURA, G. R.; PEDRO, E. N. R. Adolescentes portadores de deficiência visual: Percepções sobre sexualidade. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v.14, n.2, p.220-226, mar./abr. 2006. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/65578/000600505.pdf?sequence=1> . Acesso em: 4 abr 2016.

PALÁCIO, Marcos. *Jornalismo on-line, informação e memória*: apontamentos para debate, 2002. Disponível em: <http://labcom-ifp.ubi.pt/files/agoranet/02/palacios-marcos-informacao-memoria.pdf>. Acesso em: 2 mai. 2016.

RODRIGUES, C. (Org.). Jornalismo On-line: modos de fazer. Rio de Janeiro: Sulina, 2009.